

POSIÇÃO DO PRONOME SUJEITO NA VARIEDADE LINGÜÍSTICA DE COCAL-GO

Adélia Freitas da Silva (FARA)

RESUMO Este artigo apresenta aspectos da variedade lingüística de Cocal-GO. A partir do reconhecimento da comunidade lingüística em questão, da revisão teórica e utilizando as teorias sobre funcionamento da língua em contexto de uso real, discute-se o comportamento lingüístico dos cocalenses no que diz respeito à ordem de ocupação do pronome-sujeito, a coerência da flexão verbal e o preconceito lingüístico.

PALAVRAS-CHAVE: Ocupação do pronome sujeito. Flexão verbal. Preconceito lingüístico.

Introdução

“Cocal. Arraial assim chamado da (sic) abundância de cocos do lugar, quatro léguas em distância de Água Quente, descoberto em 1749 por Diogo de Golveia Osório e pelo coronel Félix Caetano; foi riquíssimo no seu descobrimento e está quase despovoado pela falta de suas lavras.”
(CUNHA MATTOS, 1779).

Cocal é uma comunidade rural situada no município de Niquelândia, a 375 km de Goiânia, no interior de Goiás. Trata-se de uma comunidade que possui mais de dois séculos de história, portanto, com possibilidade de estar sofrendo influências extralingüísticas peculiares.

Este trabalho foi desenvolvido numa perspectiva funcionalista, lançando mão da pesquisa bibliográfica seguida de pesquisa de campo nos moldes do estudo de caso sob o enfoque dos paradigmas qualitativo e quantitativo com predomínio do método dialético. Os dados aqui citados foram retirados da dissertação de mestrado defendida em 2003 com o título “Descrição de aspectos da variedade lingüística de Cocal-GO: uma perspectiva funcionalista”. Este estudo se justifica pelo fato de poder contribuir para o conhecimento da língua sobre variedades rurais e fornecer subsídios para o conhecimento do Português brasileiro.

Objetiva-se, neste artigo, apresentar o comportamento lingüístico do cocalense no que se refere ao uso da ordem de ocupação do pronome com função de sujeito, suas implicações na realização da flexão verbal e o preconceito lingüístico. Para tanto, baseou-se nos estudos de Halliday (1986), Moura Neves (2000-2001), Duarte (1995), dentre outros.

Ao desenvolver a dissertação de mestrado que deu origem a esse artigo, durante levantamento bibliográfico, buscou-se compreender a ordem de ocupação do pronome sujeito em Cocal, uma vez que, trata-se de uma comunidade rural em relativo estado de conservação lingüística e isso poderia lançar luz sobre tal conhecimento. Para tanto, norteou-se pelos seguintes questionamentos:

- a) Tendo em vista que o português do Brasil é do período moderno clássico e considerando as comunidades rurais como portadoras de relativo estado de conservação lingüística (Castilho, 1996) e, por outro lado, descendente de línguas românicas (PE), a ocupação do pronome sujeito se faz mais à esquerda ou à direita do verbo?
- b) Se há simplificação do paradigma verbal no PBⁱ realizado na comunidade rural de Cocal, como ela contribui para a provável transferência da flexão verbal para o pronome sujeito?
- c) Se há preconceito lingüístico em Cocal, como ele é percebido pelos falantes ?

2 Ordem de ocupação do pronome sujeito

O fato de a norma de concordância do PB ainda exigir o preenchimento da posição do pronome proclítico explícito pode indicar um processo de gramaticalização da língua em função do enfraquecimento da flexão verbal indicativa de número e pessoa.

Em consonância com a preferência de posição na ocupação do pronome sujeito na variedade lingüística de Cocal e, provavelmente no PB, encontrou-se no corpus da variedade em estudo a expressão desse fenômeno nas tabelas 1 e 2, conforme exposto a seguir. Antes, porém, cumpre explicar as siglas R e CR, que aparecem em uma das colunas

da tabelas 1 e 2 a seguir. Por (R) e por (CR) entende-se referencial e correferencial respectivamente, ou seja, sujeitos que se apóiam em elementos fora da sentença, ou no contexto textual de forma anafórica. A seguir, expõe-se tabelas que exibem a preferência do cocalense quanto ao uso de emprego da ocupação da posição do pronome frente ao verbo.

TABELA 1:

MASCULINO						
FAIXA ETÁRIA		POSIÇÃO DO PRONOME				TOTAL
		ANTEPOSTO	POSPOSTO	NULO	R e CR	
ENTRE 15 E 20 ANOS	REN	84	1	74	68	207
	CES	73	1	25	26	128
ENTRE 21 E 30 ANOS	MAC	188	1	45	47	281
	MAR	94	1	90	74	276
ENTRE 31 E 40 ANOS	BRA	110	8	104	54	286
	SER	349	7	175	177	713
ENTRE 41 E 50 ANOS	LUI	176	10	84	71	340
	VAL	287	18	117	24	446
DE 51 ANOS ACIMA	TAR	267	10	503	119	1386
	LUP	353	2	...	187	636
TOTAL		1981	59	1217	847	4699

Fonte: *Dados da autora.*

TABELA 2:

**POSIÇÃO DA OCUPAÇÃO SINTÁTICA DO PRONOME DO CASO RETO EM CICAL REFERENTE
AO SEXO FEMININO**

FEMININO						
		POSIÇÃO DO PRONOME				
		ANTEPOSTO	POSPOSTO	NULO	R e CR	
ENTRE 15 E 20 ANOS	VAN	28	4	8	18	58
	DAR	47	2	9	22	80
ENTRE 21 E 30 ANOS	FAB	264	6	99	189	433
	APA	94	2	126	32	261
ENTRE 31 E 40 ANOS	CID	84	6	41	38	169
	VID	110	2	26	48	187
ENTRE 41 E 50 ANOS	MAI	401	12	142	146	642
	ERC	28	3	16	23	74
DE 51 ANOS ACIMA	FRA	132	6	81	149	525
	JUL	186	3	79	87	307
TOTAL		1374	46	627	752	2736

Fonte: *Dados da autora.*

Nota-se nos dados dessas tabelas que, entre as opções de escolha do pronome oferecidas pela variedade lingüística de Cocal, é indiscutível a preferência pela ocupação pronominal à esquerda do verbo independentemente de sexo e faixa etária. Esse fato, certamente, gera conflito no estudante durante o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem da variedade padrão da língua. Isso porque a gramática prescritiva ensinada na escola realiza a ocupação do pronome sujeito também à direita do verbo, na modalidade oral, portanto, tal emprego se faz à esquerda do verbo. Tudo leva a crer que o recorrente emprego do pronome à esquerda do verbo tenha implicações com o “enfraquecimento” da flexão verbal. O emprego enclítico do pronome em função de sujeito se mostra invariável, sem a devida flexão verbal.

Entretanto, observa-se através das informações contidas nas tabelas 1 e 2, anteriormente referidas, que mesmo tendo sido agrupados aos dados sobre sujeito nulo alguns verbos em determinadas condições de repetição - o que avoluma a quantidade de sujeito nulo - nessa classificação em estudo percebeu-se que, mesmo assim, os sujeitos nulos revelaram um índice menor de ocorrência em comparação ao sujeito explícito à esquerda do verbo. Assim sendo, afirma-se que o falante coccalense seleciona mais a posição de ocupação à esquerda do verbo como regra de uso do pronome com função de sujeito. A seguir, apresenta-se os dados das tabelas 3 e 4 em forma de porcentagens, a fim

de favorecer a compreensão do fenômeno em questão.

TABELA 3: PORCENTAGEM REFERENTE À OCUPAÇÃO SINTÁTICA DA POSIÇÃO DO PRONOME EM COCALENSES DO SEXO MASCULINO

TABELA DE PRONOMES / MASCULINO		
FAIXA ETÁRIA	POSIÇÃO DO PRONOME EM RELAÇÃO AO VERBO	
	ANTEPOSTO	POSPOSTO
ENTRE 15 E 20 ANOS	157 (98,7%)	2 (1,3%)
ENTRE 21 E 30 ANOS	282 (99,3%)	2 (0,7%)
ENTRE 31 E 40 ANOS	459 (96,8%)	15 (3,2%)
ENTRE 41 E 50 ANOS	463 (94,3%)	28 (5,7%)
DE 51 ANOS ACIMA	620 (98,1%)	12 (1,9%)
TOTAL	1981 (97,1%)	59 (2,9%)

Fonte: *Dados da autora.*

TABELA 4: PORCENTAGEM REFERENTE À OCUPAÇÃO SINTÁTICA DA POSIÇÃO DO PRONOME EM COCALENSES DO SEXO FEMININO

TABELA DE PRONOMES / FEMININO		
FAIXA ETÁRIA	POSIÇÃO DO PRONOME EM RELAÇÃO AO VERBO	
	ANTEPOSTO	POSPOSTO
ENTRE 15 E 20 ANOS	75 (92,6%)	6 (7,4%)
ENTRE 21 E 30 ANOS	358 (97,8%)	8 (2,2%)
ENTRE 31 E 40 ANOS	194 (96,0%)	8 (4,0%)
ENTRE 41 E 50 ANOS	429 (96,6%)	15 (3,4%)
DE 51 ANOS ACIMA	318 (97,2%)	9 (2,8%)
TOTAL	1374 (96,8%)	46 (3,2%)

Fonte: *Dados da autora.*

De acordo com as tabelas 3 e 4, verifica-se que, de modo geral, os cocaleenses do sexo masculino selecionam mais a posição à esquerda do verbo que os falantes do sexo

feminino. Essa ocorrência parece se dar devido à tendência que a mulher cocalense possui em realizar atitudes lingüísticas mais próximas da variedade padrão que busca empregar um pouco mais de ênclise. Segundo Romaine (1994), mulheres tendem a usar um status mais alto de variante com maior elaboração semântica que os homens. A seguir, discute-se o comportamento da flexão verbal na variedade em estudo.

3 Transferência da flexão verbal para o pronome sujeito

Uma reflexão sobre o comportamento do verbo requer, também, reflexão sobre aspectos pronominais como, por exemplo, a possibilidade da ênclise pela próclise. Na modalidade escrita, percebe-se um esforço por aproximação da variedade padrão. Os pronomes “tu” e “vós”, por exemplo, quase extintos no uso real do PB na maioria das regiões, ainda são prescritos pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). O mesmo acontece com o estudo de alguns verbos como, por exemplo, o pretérito-mais-que-perfeito presente em atividades escolares tão pouco vivenciado na oralidade. Essa confusão lingüística pode contribuir para aumentar ainda mais o estado de conflito de identidade cultural do falante brasileiro, além de alimentar o preconceito inter e intralingüísticoⁱⁱ.

A gramática formal utilizada na maioria das escolas brasileiras classifica os pronomes pessoais retos na disposição encontrada na tabela 5.

Tabela 5

PE		
1a	Singular	Plural
1 ^a p	eu	Nós
2 ^a p	Tu	Vós
3 ^a	Ele/ela	Eles/elas

Fonte: Figueiredo Silva, 1996, p. 38

No PB, os pronomes pessoais de caso reto apresentam variações em relação ao PEⁱⁱⁱ, conforme tabela de Figueiredo Silva a seguir:

Tabela 6

1b	Singular	Plural
1 ^a p	Eu/a gente	nós/ a gente
2 ^a p	Você	Vocês
3 ^a p	Ele/ela	Eles/elas

Fonte: Figueiredo Silva, 1996, p. 38

De acordo com os dados das tabelas acima, conclui-se que o modelo pronominal prescrito no paradigma formal não mais se adapta à realidade lingüística brasileira devido às variações sofridas em alguns pronomes. As primeiras pessoas singular e plural apresentam alternância quanto à possibilidade de emprego de “nós” ou “a gente”. A riqueza de variação presente no PB faz com que o falante encontre opções de uso e estabeleça sua escolha no processo discursivo. Esse fenômeno é facilmente encontrado na co-ocorrência entre “nós” e “a gente”.

É consenso entre os estudiosos da variação ocorrida nos usos da flexão verbal e do pronome reto com função de sujeito que o sintagma nominal “a gente” se encontra em competição com o pronome “nós”, primeira pessoa do plural, com tendência para aquele suplantar este (Duarte, 1995; Moura Neves, 2000; Paredes, 1991; Figueiredo Silva, 1996 dentre outros).

Assim sendo, convém salientar que a conservação de um paradigma estruturado fora da realidade da língua em uso é extremamente prejudicial ao falante, especialmente no que diz respeito à fase de aquisição da linguagem, por sugerir uma barreira entre falante e variedade formal. Em vista disso, o funcionalismo vem preencher lacunas na identificação e classificação dos processos lingüísticos, pois essa abordagem prestigia o fim primeiro da língua, a comunicação satisfatória entre os seres humanos.

Nessa perspectiva, a variedade padrão da língua portuguesa ensinada nas escolas, portanto, com verbos flexionados e pronomes em desuso no PB como tu e vós, por exemplo, não entra em conformidade com a variedade não padrão, especialmente a desenvolvida nas camadas populares via oralidade (Tarallo, 1951-1992; Galves, 1991;

Silva, 1996; Duarte, 1995; Castilho, 1994; Cagliari, 1977; Amaral, 1875-1929 [1976] e outros). Esse fato pode comprometer a qualidade de vida do falante, uma vez que a linguagem é a expressão máxima da identidade do indivíduo.

É consenso entre os lingüistas que a posição da ocupação sintática do pronome se apresenta de forma diferenciada nas modalidades comunicativas. Assim, o pronome sujeito tende a ocupar posição à direita do verbo na modalidade escrita enquanto que, na modalidade oral, o emprego se faz mais à esquerda do verbo. Segundo Galves (1996, p. 339), “Essa aparente contradição pode ser atribuída à forte pressão da norma portuguesa escrita, mesmo na escrita informal”. Numa comunidade como a de Cocal, por exemplo, onde a maior parte da comunicação se faz via oralidade, é natural que a influência indivíduo/coletivo ofereça mais modelos de ordem de ocupação pronominal à esquerda.

Assim, enquanto a modalidade escrita considerada padrão insiste na flexão verbal e uso de ênclise, a modalidade oral, por sua vez, “abusa” do uso do pronome em função da não flexão verbal, resultando em um progressivo aumento de próclise. Nesse sentido, pode-se dizer que o PE é enclítico e o PB é proclítico :

Quanto ao parâmetro de ligação fonológica, os resultados de VIEIRA (2002), com base em análise prosódica, sugerem que o Português Europeu é enclítico – o pronome átono tende a apoiar-se no elemento que está à esquerda do verbo, sendo esse elemento um verbo ou não -, enquanto o Português do Brasil é proclítico – o pronome átono tende a apoiar-se no elemento que está à direita do verbo (MACHADO, 2006, p 17-18)

Assim, a variedade rural aqui representada por Cocal se apresenta de forma proclítica como o PB, conforme exemplo no fragmento a seguir.

Fragmento 1:

“Porque **uma irmã minha**, **ela** é formada, **ela** formô (...), mais **ela** tá lá im Niquelândia. **Ela** teim u sirviçu dela lá mais **ela** num...**ela** num teim u dom sabi? Pra sê professora”^{iv} DAR^v, (2000).

Considerando a posição ocupada pelo pronome sujeito no fragmento acima, pode-se afirmar que a falante selecionou próclise para todas as realizações de emprego do

pronome sujeito. Além do mais, verifica-se uma repetição desnecessária do sujeito inicialmente realizado como “uma irmã minha” e repetido enfaticamente pelo emprego de “ela”. Dessa forma, cumpre dizer que esse comportamento lingüístico, muito recorrente na modalidade oral de Cocal, não encontra respaldo nos ensinamentos da escola que privilegia apenas a variedade padrão mais presente na modalidade escrita.

Em muitos casos, é o pronome/sujeito que se encarrega de oferecer ao leitor/ouvinte informações concernentes à pessoa e número, uma vez que o verbo não flexionado deixa de oferecer tais informações, ou seja, o verbo não flexionado transfere para o pronome/sujeito informações tidas como próprias do verbo, como pode ser visualizado no fragmento a seguir .

Fragmento 2:

“ Na hora qui cê ficá lá dibaxo dus manguêru, **nóis** (os membros da família) **leva** café, cumê tudu lá pr’ocê.” LUP^{vi} (2000).

Fragmento 3:

“ [...] Hoje, **nóis tá** mais informado.” MAR, (2000).

Se LUP e MAR^{vii} tivessem flexionado o verbo nessa afirmação, o emprego do pronome « nós » poderia ter sido omitido uma vez que, o verbo flexionado traz, em suas desinências, informações de número e pessoa. Porém, o fato de LUP e MAR não terem flexionado o verbo exigiu a presença explícita do pronome para estabelecer informações que a flexão do verbo poderia dar.

Nesse sentido, afirma-se que o uso do pronome com função de sujeito empregado à esquerda do verbo nesta variedade em estudo é um fator que desobriga a flexão verbal, transferindo a concordância de número para o pronome sujeito o que favorece o enfraquecimento da flexão verbal.

Expostos os aspectos da variação na flexão verbal, apresentam-se informações sobre o comportamento lingüístico do cocalense frente ao preconceito sofrido devido à variedade lingüística que porta.

4 Preconceito lingüístico

Geralmente, durante as entrevistas, o cocalense se desculpa pelo desprestígio imputado pelo sistema social à variedade lingüística que usa afirmando que fala “errado” como se não quisesse “ofender” o interlocutor com sua “estranha” variedade lingüística conforme pode ser observado no fragmento a seguir.

Fragmento 4:

A genti fala erradu. U fulanu si fô...(interagir com falantes urbanizados, pode ouvir:) - “fulanu tá falanu erradu ali, ó”... A genti fala “Ocê” ô “você”, né... aí (a gente) vai... aprendenu us pôcu... quando us ôtu vai avacaianu da genti, a genti fica mais ispertu, né. (REN^{viii}, 2000).

No fragmento 5 abaixo, CES^{ix} (2000) explica que o medo de ser ridicularizado socialmente por utilizar a variedade rural cala o falante cocalense.

Fragmento 5:

[...] di veiz im quando, podi acontecê (o preconceito lingüístico), né...[...] pod’ querê falá uma coisa...aí eli num fala, quê a veiz eli fala...ôtu pensa qui eli tá falanu mau... é u jeitu mêmu qui eli sabi falá, né...aí, el’ fica cum medu du zôtu pegá nu pé i fica caladu. (CES, 2000).

Na seqüência, observa-se que o preconceito lingüístico nessa variedade em estudo advém do sistema social, pois, entre os cocalenses, a interação flui de forma satisfatória no que diz respeito às necessidades básicas da comunicação, conforme salienta CES (2000).

Fragmento 6:

...quandu tá só a gent' assim é todú mundu colega assim ... a gent' num importa nãu né ... agora, quandu a gent sai ... tá certu teim muitas coisa a a gent tenta falá mai a gent' num sabi falá beim faladu a gent fica caladu ... num fala ... (CES, 2000).

Os fragmentos anteriormente referidos 4, 5 e 6 sugerem que a variedade lingüística do falante cocalense o incomoda a partir do momento que alguém (“us otu”) aponta sua variedade lingüística como desprestigiada socialmente. Tal fato parece causar-lhe “desconforto”, pois ele sente necessidade de monitorar a fala em presença de outros falantes que não fazem parte de sua comunidade lingüística. Esse estado de “vigília lingüística” certamente fere o cidadão cocalense em sua liberdade de expressão, pois “respeitar a variedade lingüística de toda e qualquer pessoa (...) equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano, porque a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos.” (BAGNO, 1999).

A verdade é que a pressão exercida pela variedade majoritária sobre o falante, nessa comunidade, parece gerar duas fontes de conflito. A primeira diz respeito a uma espécie de “mordaca” imputada ao falante capaz de fazê-lo “emudecer” frente a situações que favorecem a ocorrência de atitudes preconceituosas. A segunda diz respeito à necessidade de mudança de variedade lingüística e o grau de dificuldade encontrado para tal realização.

Percebe-se aqui que o conflito gerado pelo choque entre as duas variedades lingüísticas, a que se usa e a ensinada na escola, faz com que o indivíduo desenvolva uma possível crise de identidade, pois rejeita a variedade lingüística na qual se sente apto e teme “perder” o ensinamento da escola no que diz respeito à variedade padrão.

Considerações finais

O objetivo fundamental do presente artigo foi descrever e discutir aspectos da variedade lingüística de Cocal especialmente no que se refere à ordem de ocupação do

pronome pessoal do caso reto com função de sujeito, o possível enfraquecimento da flexão verbal em tais usos e o preconceito lingüístico sofrido nessa comunidade. Para efetuar essa tarefa, iniciou-se um estudo funcionalista para poder descrever e discutir o comportamento lingüístico dos falantes dessa comunidade.

Com base nos resultados obtidos, conclui-se que:

- 1 No que se refere à ordem de ocupação do pronome pessoal do caso reto com função de sujeito em Cocal se realiza mais à esquerda do verbo, ou seja, o cocalense tem preferência pela próclise.
- 2 O emprego do pronome pessoal com função de sujeito em forma de próclise assume grande parte da responsabilidade de concordância de número, o que promove o enfraquecimento da flexão verbal.
- 3 O falante cocalense se sente excluído socialmente devido ao preconceito lingüístico advindo do social e reforçado pela escola devido a uma prática pedagógica que prestigia apenas a variedade padrão como “correta”.

Crianças em fase de aquisição da linguagem, assim como os jovens estudantes, especialmente os oriundos da zona rural, podem apresentar sérias dificuldades de aprendizagem da língua oficial, por não conseguirem estabelecer relação entre a variedade falada e “a outra língua” ensinada na escola.

O conflito gerado por tais conceitos lingüísticos chega a comprometer a qualidade de vida do falante no que se refere as suas interações sociais, o que justifica esse estudo. As regras de uso empregadas nas modalidades oral e escrita no PB, especialmente nas variedades rurais, requerem uma reavaliação da prática pedagógica, e revisão multifuncional do conceito gramatical, sob pena de a escola funcionar como

instrumento de desprestígio da língua, conforme afirmam Braggio (1998); Bagno (2001); Ilari (2000) e outros.

Vale lembrar que a língua é a expressão máxima da identidade do indivíduo e a democratização do ensino, considerando as diferenças culturais do aprendiz, pode ajudar a reduzir o preconceito lingüístico e atenuar a exclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico**. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **A língua de Eulália**: novela sociolingüística. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

BRAGGIO, S. B. **Contato entre Línguas**: Subsídios para a Educação Escolar Indígena. *Revista do Museu Antropológico da UFG*. v. 1, n. 1, p. 121-133, 1998.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. v. 1. Campinas, 1977. (Coleção Espiral).

CASTILHO, A. T. de. **Problema de descrição da língua falada**. *D. E. L. T. A.*, v. 10, n. 1, p. 47-71, 1994.

_____. **Relatório Científico** submetido à FAPESP (Proc. 99/10399-9), USP, 2001.

CUNHA MATTOS, R. J. da. **Chorografia histórica de Goyas**. Goiânia, 1979.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. Variação e sintaxe. 1995. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, UNICAMP, São Paulo.

GALVÊS, C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as a Social Semiotic**. The Social Interpretation of Language and Meaning. Londres: University Park Press, 1986.

ILARI, R. **Lingüística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MACHADO, Ana Carla Morito. **O uso e a ordem dos clíticos na escrita de estudantes da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MOURA NEVES, M. H. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAREDES, SILVA, V. L. **Por trás das frequências**. *Revista do Instituto de Letras da UFRGS*. A variação no Português do Brasil. v. 5, n. 18, p. 23-36, 1991.

ROMAINE, S. **Language in Society**: an introduction to Sociolinguistics. Oxford: Oxford University Press, 1994. 235 p.

SILVA, M. C. F. **A posição sujeito no português brasileiro**: frases finitas e infinitas. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

SILVA, Adélia Freitas de. **Descrição de aspectos da variedade lingüística de Cocal-GO**: uma perspectiva funcionalista (2003). Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

TARALLO, F. **Itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

NOTAS EXPLICATIVAS

ⁱ PB (Português Brasileiro).

ⁱⁱ Como preconceito inter-lingüístico, toma-se a internalização de conceitos lingüísticos sociais majoritários que comprometem a identidade cultural do falante e por preconceito intra-lingüístico, toma-se a idéia negativa que o falante faz de sua própria variedade desprestigiando-se como falante.

iii PE (Português Europeu).

iv A transcrição das fitas cassete gravadas em contexto real do uso da língua foi feita, considerando o máximo de proximidade da fala do informante. Não se trata, portanto, de uma transcrição fonética.

v DAR (Informante/colaboradora da pesquisa)

vi LUP (Informante/colaborador da pesquisa)

vii MAR (Informante/colaborador da pesquisa)

viii REN (Informante/colaborador da pesquisa)

ix CES (Informante/colaborador da pesquisa)